

## **TRILHANDO OS CAMINHOS DA DOCÊNCIA: ENTRE CONTEÚDOS E METODOLOGIAS**

### **ANTÔNIA NATÁLIA DE LIMA**

Mestranda em História e Culturas-UECE. E-mail: natylimaphn@hotmail.com

### **ROK SÔNIA NAIÁRIA DE OLIVEIRA**

Mestre em História e Culturas. E-mail: roksonia@hotmail.com

### **LUCAS PEREIRA DE OLIVEIRA**

Mestrando em História e Culturas. E-mail: lukaspereira2@hotmail.com

*Gosto de ser gente porque a História que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo.*

PAULO FREIRE

### **Introdução**

“A sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constroem sentidos” (SCHMIDT, 2004, p. 57). Foi, portanto nessa perspectiva que encaramos o nosso segundo estágio, com o espírito de eternos aprendizes, como pessoas que estavam ali para junto com os alunos construir significados e saberes. Entre os limites que os currículos impõem e as regras da própria escola, procuramos inserir o uso de novas narrativas, a fim de refletir o saber histórico não de forma meramente conteudista, mas com um caráter humano, para que o conhecimento construído na sala de aula servisse de parâmetro para as vivências sociais.

Desde o nosso primeiro contato, tínhamos como objetivo tornar os alunos sujeitos ativos no processo ensino-aprendizagem. Sendo assim, a metodologia usada no estágio pautava-se num incessante diálogo entre professores alunos e conteúdo. Mesmo em aulas onde predominava um caráter mais expositivo, a participação dos discentes se fazia fundamental, pois concordamos com Freire (2003) quando ele discute que uma aula expositiva é válida quando:

O professor ou a professora faz uma pequena exposição do tema e em seguida, o grupo de estudantes participa com o professor na análise da própria exposição. Desta forma, na pequena exposição introdutória, o professor ou a professora desafia os estudantes que, perguntando-se e perguntando ao professor, participam do aprofundamento e desdobramento da exposição inicial. Um tipo de trabalho assim, de maneira nenhuma poderia ser considerado como negativo e como escola tradicional no sentido ruim desta. (p.119)

Contanto, entendemos que “ensinar História passa a ser então, dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História” (SCHMIDT, 2004, p. 57). E é no estágio onde temos a oportunidade de entrar em contato com o ato de ensinar e de se aproximar do universo escolar, que podemos pôr em prática essa concepção pedagógica. Afinal o estágio é como salientam as autoras Pimenta e Lima, um “ritual de passagem” (2008, p.100), um momento de reflexão tanto da questão profissional como metodológica.

### **Uma breve história da Escola Euclides Pinheiro de Andrade (EPA)<sup>1</sup>**

A E.E.F.M. Euclides Pinheiro de Andrade foi fundada em 25 de maio do ano de 1958<sup>2</sup>, período em que Milhã era distrito da cidade de Solonópole. Tendo sido inaugurada pelo Exmo. Governador do estado Dr. Paulo Sarasate e o Prefeito Municipal de Solonópole Cel. José Rabelo Machado, a escola recebeu o nome em homenagem a um dos pioneiros da educação na cidade.

Vendo a necessidade de alfabetizar a população o Sr. Euclides Pinheiro começou a mobilizar professoras da cidade que pas-

<sup>1</sup> PPP- Projeto Político Pedagógico cedido pela Escola de E.F.M. Euclides Pinheiro de Andrade.

<sup>2</sup> A Escola de E.F.M. Euclides Pinheiro de Andrade está localizada à Rua Joaquim Nemésio Pinheiro, 119 em Milhã – CE, CEP 63635-000, fone (88)3529-1226, mantida pelo Governo do Estado, criada pelo D. O. 11493, de 17/10/75, Censo Escolar Nº 23115050

saram a lecionar em suas próprias residências. Após a morte do Sr. Euclides Pinheiro, seu filho Heleoclides Pinheiro de Andrade e seu genro Aurelino Pinheiro Rosa, doaram em 12 de outubro de 1957, 100 m<sup>2</sup> de terras para que fosse construído o primeiro grupo escolar de Milhã. A primeira grade de professores da escola foi: Isabel Dumont Pinheiro Landim; Maria Risélia Pinheiro Machado; Maria Rocilda Pinheiro, Ant. Zulene Pinheiro; Marilza Pinheiro; Maria Risoleta Machado Landim.

No início a escola atendia de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série. Em 1984 houve a inserção do 1<sup>o</sup> grau maior (atual Fundamental II). Em 1<sup>o</sup> de agosto de 1985, sob o parecer 426/85 do Conselho Estadual de Educação, a referida Escola consegue sua primeira autorização e em 03 de outubro de 1988 o seu reconhecimento com o parecer 498/88<sup>3</sup>. Em 1997, a Escola recebeu um financiamento por parte da Secretaria de Educação do Estado do Ceará para reformar sua estrutura física, com a ampliação do prédio houve no mesmo ano a inserção do 2<sup>o</sup> Grau (Nível Médio), sendo anexo da Escola de 2<sup>o</sup> Grau Adauto Bezerra da cidade de Senador Pompeu/ CE. Em 1998 deixa de ser anexo tornando-se legalmente uma escola Estadual.

Desde sua fundação foram diretores(as) respectivamente: Maria Risoleta Machado Landim, Maria Rivalda Machado, Luiza Ivanilde Pinheiro Machado, Maria de Fátima Pinheiro, Maria de Fátima Pinheiro Silva, Antônia Célia Gomes de Sousa, Ruth Maria Pinheiro e José Nogueira Pinheiro, atual diretor.

### **A disciplina de história na escola**

Segundo a Matriz Curricular do Ensino Médio a disciplina de História na turma do 1<sup>o</sup> Ano tem como competências: ajudar o aluno na construção da identidade pessoal e social; fazê-lo perceber-se como sujeito produtor do conhecimento; introduzir e fomentar

---

<sup>3</sup> PPP – Projeto Político Pedagógico cedido pela Escola de E.F.M. Euclides Pinheiro de Andrade.

a pesquisa e o trabalho com os diversos tipos de documentos; entender as diversas concepções do tempo como construção histórica; compreender a história como ciência; situar as diferentes manifestações culturais, políticas e sociais, na organização da sociedade; perceber a história como processo onde ocorrem rupturas e continuidades e por fim, compreender os conceitos de capitalismo, socialismo, e democracia a partir de estudos contemporâneos.

### **A professora de História e a turma do 1º Ano B manhã**

A professora de História do 1º Ano B Manhã, Maria Jarina Pinheiro é graduada em História pela Universidade Vale do Acaraú (UVA) tendo colado grau no ano de 2010. Atualmente cursa especialização em Gestão Escolar pela Faculdade Montenegro (FAM). Atua como docente há 10 anos e como professora de história há 2 anos, sendo ainda a PDT da turma supracitada. A Turma do 1º Ano B é formada por 36 alunos sendo que maior parte reside na zona rural do município. Segundo a professora a maior dificuldade da turma é o desinteresse com relação à leitura.

### **Planos de aula e recursos de apoio e avaliação**

De acordo com a Professora, o planejamento é baseado pela grade curricular cedida pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Em reuniões na Escola é discutida a melhor maneira de se cumprir os objetivos da disciplina. Segundo a mesma, o planejamento com os demais professores da área de humanas ocorre na quarta feira à noite, já que o planejamento da escola é feito por área de conhecimento. Esse planejamento semanal é feito apenas no diário, pois são introduzidas outras discussões limitando o tempo de preparação para as aulas. As metodologias e os recursos que serão usados nas aulas durante a semana são pensados em horas extras ao planejamento, muitas vezes em casa.

Com relação aos recursos utilizados pela professora o livro didático tem papel central. Ressaltando que para o 1º Ano são utilizados dois livros: *Primeiro Aprender e A escrita da História*. Vale dizer que o uso do livro *Primeiro Aprender* tem prioridade já que visa sanar algumas dificuldades que os alunos trazem do ensino fundamental. Este livro tem como objetivo principal trabalhar conceitos iniciais ao saber histórico, tais como a percepção das várias maneiras de medir o tempo, os diversos tipos de documentos e etc. sendo, pois, uma obra temática. Já o livro *A Escrita da História* trabalha a partir da cronologia histórica e é uma obra destinada aos três anos do Ensino Médio. Os livros são trabalhados de forma descontínua, isto é, o *Primeiro Aprender* é dividido em blocos, no intervalo da distribuição dos mesmos é usado o livro *A escrita da História*. A professora utiliza ainda como recurso o data-show para expor conteúdos a partir de *slides* e para exibir filmes que geralmente são mostrados um a cada semestre. Nesse sentido as aulas em geral são expositivas. O método avaliativo utilizado pela docente é basicamente a prova escrita. É somada a pontuação da prova que ocorre bimestralmente, a resolução de atividades propostas pelo livro didático e a participação em sala de aula.

### **Nossa trajetória no EPA**

Em 24 de março de 2011 visitamos a E.E.F.M. Euclides Pinheiro de Andrade. O intuito da visita era sondar a Escola para o desenvolvimento do Estágio no Ensino Médio, bem como conhecer o Professor de História da Escola. Tanto o Diretor Nogueira Pinheiro, como a Professora Jarina Pinheiro aceitou nossa solicitação e já nos encaminharam para uma turma do 1º Ano B. Nesse mesmo dia, portanto começamos a observação, a Professora havia selecionado o filme “A Guerra do Fogo”<sup>4</sup>. Acompanhamos com a turma o filme

---

<sup>4</sup> La Guerre du Feu (A Guerra do Fogo) é um filme de 1981 feito na França e no Canadá. A direção é de Jean-Jacques Annaud, Anthony Burgess e Desmond Morris. O filme retrata um período na pré-história e dois grupos de homínídeos que possuem estágio de evolução diferentes e disputam a posse do fogo.

que terminaria de ser exibido na aula seguinte. Após a 2ª observação em 07 de abril adquirimos um exemplar de cada um dos livros e tivemos acesso ao conteúdo que iríamos trabalhar durante a regência e discutimos com a professora algumas das metodologias que pretendíamos usar durante a regência.

### **“Ler é perceber o tempo”**

Como salienta JULIÁ (...) “a escola não é somente um lugar de transmissão de conhecimento, mas é ao mesmo tempo e talvez principalmente um lugar de inculcação de comportamentos e de hábitos”. É nesse sentido que começamos a nossa regência no dia 14/04 de 2011 com o espírito de quem está ali não para repassar o conteúdo aprendido durante a graduação, mas com o intuito de construir o conhecimento em parceria com o aluno que por está ligado a uma sociedade que transcende os muros da escola tem muito a aprender e tem muito a ensinar também. Nesse sentido, os planos de aula pensados serviram apenas como parâmetro, pois, à medida que a aula ia ocorrendo eles ganhavam novas formas. É na aula, portanto que o conhecimento é construído com as vivências e trocas de saberes entre professores e alunos.

Na nossa primeira aula onde tínhamos que trabalhar com o livro: *Primeiro Aprender*, esbarramos com as primeiras dificuldades, talvez por sermos acostumadas a estudar com livros não temáticos. É importante lembrar que o uso desse livro é obrigatório em todas as turmas de 1º Ano, não levando em conta as especificidades de cada uma. Ele foi criado com o objetivo de suprir possíveis carências principalmente com relação à interpretação de texto, no entanto a turma do 1º Ano B, segundo a professora não apresentava essas dificuldades. Dessa forma, vimos à necessidade de mesclar o uso do livro com novos suportes, afim de criticizar cada vez mais a temática proposta. O primeiro tema era: *Ler é perceber o tempo e Como lemos o nosso tempo*. Nessa aula tínhamos como objetivos

discutir as diferentes formas de compreensão da sociedade sobre o tempo (natureza/relogio e etc.); fazer o aluno perceber que os objetos deixados pelo tempo estão carregados de memória. Exemplo disso: o relógio que fala muito do tempo em que foi inventado e por fim mostrar ao aluno que ele é um sujeito histórico e que também deixa sua marca no tempo.

Utilizamos como metodologia uma dinâmica objetivando fazer uma discussão do tempo por meio de objetos pessoais dos alunos. Durante a apresentação eles falavam das memórias envolvidas nos objetos e juntos refletimos sobre a carga histórica que eles trazem, essa também foi uma maneira de conhecê-los melhor. Ainda com relação aos fragmentos deixados no tempo debatemos as músicas: “Tudo que vai” (Capital Inicial); “Moldura” (Desejo de Menina)<sup>5</sup>. A partir das músicas discutimos com os alunos que toda experiência humana deixa vestígios e que estes fragmentos não é o passado, mas serve como parâmetro para que se compreenda o que as pessoas fizeram em outros tempos, servindo ainda para que compreendamos a nós mesmos que somos extensão desse passado, levando em conta que a história é um processo com rupturas, mas também com continuidades, que se modifica a medida que surgem novos vestígios. Com relação a isso Marc Bloch salienta que, “O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa” (2001, p.75).

Os trechos das músicas mais discutidas pelos próprios alunos foram: “Tudo que vai deixa o gosto, deixa as fotos quanto tempo faz deixa os dedos deixa a memória...”. (Tudo que vai) e “O tempo passa e a gente vê as coisas de um jeito diferente, (...) e os momentos vão passando como as cinzas de um cigarro meu grande amor... e as lembranças ficam presas na moldura de um retrato.” (Moldura). Esta última obteve um maior envolvimento da parte dos alunos,

<sup>5</sup> Tudo Que Vai-Capital Inicial composição: Dado Villa-Lobos, Alvin L., Tony Platão. Moldura- Desejo de Menina composição: Byafra.

talvez por se tratar de uma música cantada por uma banda de Forró, tendo assim maior proximidade com a realidade deles, já que na cidade o forró é o estilo musical mais propagado entre a juventude. Para acentuar a discussão realizamos uma leitura paragrafada do texto do Livro Didático. Como avaliação da aula, propomos a construção de uma linha do tempo individual, onde cada aluno destacaria momentos que considerava importantes na sua vida, o intuito do trabalho era mostrar como a nossa própria memória é seletiva. A apresentação ocorreria na aula seguinte.

### **“Os vários tempos da história”**

No dia 28/04 iniciamos a aula com a apresentação da Linha do Tempo feita pelos alunos, tivemos trabalhos em forma de cartaz, com fotos e textos e outros através de desenhos. Nosso objetivo além do que foi dito anteriormente era trabalhar de maneira criativa e diferente o conceito de tempo, tendo por base as experiências vivenciadas pelos alunos. Além disso, sugerimos que esta e outras produções diversificadas feitas a cada aula pudessem ser vistas como um método avaliativo, substituindo pelo menos em parte a avaliação tradicional. Entretanto, isso não foi aceito pela professora, que afirmou ser uma exigência da escola a prova nos ditames habituais. Portanto os objetivos traçados para nossa segunda aula era definir a importância de situar a história no tempo. Perceber as diferentes maneiras de se medir o tempo da história (dia, mês, ano, geração, séculos...) e debater que a história não é pontual e sim processual, além de refletir sobre o termo anacronismo, algo que é evidentemente cobrado pelo “Primeiro Aprender”.

Nossa metodologia foi pautada na leitura paragrafada do texto do Livro Didático, onde discutimos sobre a medição do tempo, sobre como calcular, séculos, décadas, enfim parâmetros necessários à compreensão de conteúdos históricos. Além disso, havíamos planejado para esta aula a exibição de um episódio da primeira



temporada do seriado Americano “Cold Case”. Através deste, iríamos discutir a questão dos vestígios que possibilitam investigar o passado para compreender o presente, debater que este passado está intrinsecamente ligado a nossa realidade. E analisar os métodos utilizados pelo detetive criminal Lili, afim de fazer um paralelo com o trabalho do historiador, que é também um investigador e construtor de conhecimentos. Enfim, a exibição do seriado poderia nos trazer inúmeras discussões sobre a pesquisa histórica, teórica e metodologicamente. No entanto, isso não foi possível, pois os aparatos tecnológicos (notebook e outros) não funcionaram durante a aula, frustrando muitas de nossas expectativas, pois mais da metade de nossa aula estava planejada tendo em mente as discussões geradas pelo seriado. Mesmo diante deste empecilho comentamos um pouco sobre o seriado, tendo em vista que alguns alunos o conheciam, e assim incentivamos para que eles pudessem vê-lo em casa, assistindo-o em uma perspectiva diferente, com um olhar crítico analítico. Assim nos deparamos com uma das dificuldades enfrentadas pelo educador, ter um plano B para cada aula, ou seja, estar preparado para possíveis imprevistos. Como a exibição do episódio não ocorreu, fizemos a correção da atividade já que a realização da mesma é obrigatória.

### **Antiguidade Oriental – Mesopotâmia**

A aula do dia 12/05 foi ministrada tendo por base o livro “A escrita da história”, focando nas civilizações da antiguidade Oriental começando pelas da região Mesopotâmica, onde o objetivo era analisar o processo de construção das civilizações antigas do Oriente, perceber suas principais características sócio-políticas e econômicas como modos de produção, religião, cultura, etc. e refletir práticas da antiguidade que influenciam no nosso modo de vida. Assim optamos por trabalhar de forma direta com o livro didático, realizando uma leitura paragrafada, discutindo o conteúdo numa

roda de conversa, e focando nas imagens apresentadas como uma maneira de refletir melhor sobre a temática. Afinal como salienta BURKE (2004) as imagens “oferecem acesso a aspectos do passado que outras fontes não alcançam” (p.21).

### **Antiguidade Oriental – Egito Antigo**

Antes de fazer as considerações a respeito de nossa próxima aula, devemos destacar que nos sentimos um tanto limitadas metodologicamente pela questão do tempo. A escola segue o calendário curricular de maneira rígida, e o fato de trabalhar com dois livros diferentes no primeiro ano acaba sobrecarregando as aulas, pois são muitas temáticas para serem trabalhadas em pouco tempo. Assim para nós foi muito difícil ministrar as aulas utilizando novos recursos e ao mesmo tempo seguir o calendário da escola.

Nossa aula do dia 19/05 de 2011 tinha por temática a Civilização Egípcia, onde buscamos abordar a respeito da sociedade Egípcia; Faraó; Religião; As Pirâmides; Antigo, Médio e Novo Império, tendo por intuito compreender o desenvolvimento econômico, político e social do povo egípcio e a importância do rio Nilo nesse processo, conhecer e refletir sobre a cultura, e a religiosidade egípcia. Assim construímos slides bem ilustrados que foram criados tendo como base o Livro Didático “A escrita da História”. Fizemos uma síntese das principais questões abordadas pelo livro, e fomos discutindo com os alunos, focando também nas imagens. Partimos da ideia de que a partir da “ilustração, torna-se possível especificar seu conteúdo: tema, personagens representados, espaço, posturas, vestimentas, que indicam o retrato de uma determinada época” (BITTENCOURT, 2004, p. 88). Este momento foi marcante, pois sentimos o envolvimento de muitos alunos que participaram da aula com perguntas, sugestões, acrescentando muito para o entendimento do conteúdo. É importante ressaltar que alguns alunos tinham lido o conteúdo do livro em casa, já que este foi um pedido

nosso na aula anterior, nesse sentido recordamos o pensamento de Paulo Freire de que construir conhecimentos requer uma relação simbiótica entre educador e educando (1996).

Após os slides exibimos um documentário sobre “Cleópatra”. Optamos por esta obra por se tratar de uma produção que vem desmistificar certos estereótipos que foram construídos ao longo do tempo, não apenas com relação ao Egito, mas também sobre sua última rainha, que se eternizou para a história tendo como principal característica a “beleza”. Porém, a obra vem afirmar que até mesmo nos padrões de beleza da época Cleópatra não era uma mulher tão bela, e que seus principais atributos eram inteligência, coragem e astúcia que a fizera tão conhecida em todo o mundo. Nesse sentido, Saliba vem afirmar que “construir a história na narrativa fílmica pode implicar, inclusive, destruir significados estáveis, desmontar sentidos estabelecidos, desmistificar ilusões ou mitos já cristalizados” (2004. p. 120). Assim discutimos a realidade Egípcia no período de Cleópatra, ou seja, próximo ao colapso do que um dia foi uma das maiores civilizações da humanidade.

### **Antiguidade Oriental: fenícios, hebreus e persas**

Em 25/06 de 2011 a aula teve uma dinâmica diferente. Na aula anterior dividimos a turma em seis equipes. Dois grupos ficariam responsáveis por apresentar as principais características dos Fenícios, outros dois dos Hebreus mais dois sobre os Persas. A primeira equipe falou as principais características dos fenícios e expuseram algumas imagens pesquisadas na internet, percebemos que eles foram para além do livro didático se aprofundando em assuntos como a questão dos deuses e etc. A outra equipe apresentou em *slides*, aspectos da religião, cultura e política dos povos fenícios, extrapolando as páginas impressas do livro didático com novas reflexões e imagens. Todavia, notamos que aí é que deve emergir o papel mediador do professor de acompanhar o processo de pesqui-

sa e orientá-los na seleção das fontes. Como estávamos na escola apenas no dia do estágio não podemos acompanhar esse processo de perto, mas na aula anterior havíamos comentado que é preciso pesquisar com cuidado e com critérios e não sair colocando tudo que encontra na internet.

Quanto aos Hebreus a primeira equipe trabalhou também com slides e com música. Até mesmo os colegas ficaram surpresos com a abordagem e a perspectiva que o grupo trabalhou. De forma bastante sintética e inovadora apresentaram as principais características dos hebreus através de fragmentos do texto do livro didático e por fim imagens com trilha sonora oriental. Para finalizar o assunto sobre os Hebreus, a segunda equipe apresentou em forma de cartazes a vida política, social e cultural dos seguidores de Moisés.

Nessa aula em si, enfrentamos dificuldades que provavelmente fazem parte do cotidiano de muitos professores, primeiro a questão do tempo que às vezes parece curto demais para os planos e outra é o visível desinteresse por parte de alguns alunos que simplesmente não se preocuparam com a produção dos trabalhos. Dessa forma, na aula do dia 02/06 tivemos que reservar a primeiro tempo para apresentar as principais características da civilização Persa. Em *slides* com textos e imagens explanamos rapidamente a sociedade, economia, religiosidade e cultura deste povo e finalizamos os estudos destas sociedades da antiguidade oriental. Atendendo ao pedido da professora, realizamos a correção de duas atividades apresentadas pelo Livro Didático, já que a resolução destas é algo eminentemente exigido pelo núcleo gestor. Após a correção tivemos um momento de reflexão sobre todo o estágio com os alunos e a professora, onde cada um pode expressar sua opinião sobre as aulas, as metodologias e sobre as estagiárias. Foi um momento muito significativo onde refletimos todo nosso trabalho incluindo as falhas e acertos e onde podemos agradecer pela receptividade. Sentimos ainda o peso da despedida, pois segundo Freire “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade” (1996, p.141), uma vez que o

estágio ao mesmo tempo em que representa o início de uma caminhada profissional, conta com todo nosso envolvimento pessoal, nos fazendo perceber que a prática educativa é carregada de afetividade.

### **Conclusão**

Consideramos que o estágio foi um momento de reflexão onde a teoria apreendida durante a formação acadêmica pôde ser colocada em prática. Percebemos que nossa atuação em sala de aula esteve muito pautada nas experiências metodológicas vividas na graduação.

Vale dizer que esse segundo período de regência foi sentido de uma maneira diferente, talvez por ter sido mais longo, tivemos uma relação mais direta com os discentes, por outro lado sentimos na pele problemas que permeiam o cotidiano escolar, como a necessidade da maleabilidade dos planos de aula que necessitam serem modificados à medida que vão sendo colocados em prática. No decorrer do estágio notamos que essa experiência é um momento de construção de conhecimento e desconstrução de fórmulas, isto é, notamos que cada aula exige uma atuação diferenciada, afinal como atesta Schmidt “na sala de aula se realiza um espetáculo cheio de vida e de sobressaltos. Cada aula é uma aula” (2004, p. 56).

### **Referências bibliográficas**

BITTENCOURT, Circe. **Livros didáticos entre textos e imagens**. In: BITTENCOURT, Circe (org.) O saber histórico na sala de aula. 9 Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BURKE, Peter. **O Testemunho ocular**. História e imagem. Bauru: Edusc, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996(Coleção Leitura).

**Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação – Sociedade Brasileira de História da Educação**. Campinas-SP. Nº. 1, jan./jul. Autores Associados, 2001.

MEC. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio**: Brasília: MEC – Secretaria de Educação Média e Tecnologia (Semtec), 1999 (Parte IV)

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SALIBA, Elias Thomé. **Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo das imagens**. In: BITTENCOURT, Circe (org.) O saber histórico na sala de aula. 9 Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. **A Formação do Professor de História e o cotidiano na sala de aula**. In: BITTENCOURT, Circe (org.) O saber histórico na sala de aula. 9 Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

## Fontes

CAMPOS, Flávio de. MIRANDA, Renan Garcia. **A escrita da história: ensino médio: volume único**. São Paulo: Escala Educacional, 2005.

CEARÁ, Secretaria de Educação do Estado. **Primeiro Aprender: Língua Portuguesa, História, Filosofia, Arte, Educação Física, Língua Inglesa**. Caderno do Professor, vol. 2. Fortaleza: SEDUC, 2008.

PPP – Projeto Político Pedagógico da Escola de E.F.M. Euclides Pinheiro de Andrade, 2009.

Matriz Curricular de História/Ensino Médio da Escola de E.F.M. Euclides Pinheiro de Andrade, 2010.